

# FRONTEIRAS E BORDAS

**Lorena Maia Resende<sup>1</sup>**

A Revista Pixo 7 “Fronteiras e bordas” tem como objetivo adentrar na complexidade das frestas, nos locais de indeterminação, explorar os acontecimentos que habitam o entre e não os limites enrijecidos das dualidades ou oposições. Nos interessa aqui o entremeio, a coexistência das diferenças que partilham o mesmo lugar. Os trabalhos acolhidos nesta edição ativam territórios ainda pouco explorados, enfrentam os desafios de pensar nas e pelas bordas, sejam elas físicas ou do pensamento. Os artigos dessa edição versam sobre esse universo instigante das diversas fronteiras e bordas.

Dentro da sessão **Artigos e ensaios** abrimos com o artigo “*Entre o público e o privado: As fronteiras da relação interior/exterior na moradia comunitária urbana*” de autoria de Estela Almeida, mestranda em Arquitetura e Urbanismo, e da professora do Programa do Pós-Graduação em Arquitetura do FAU/UFRJ, Cristiane Duarte, nos convida a perceber as fronteiras da relação público/privado, interior/exterior e a casa/rua. Um artigo muito interessante que está além da borda, pois transborda tanto os temas do espaço construído das edificações de moradias comunitárias, como do debate sobre o morar contemporâneo e as distintas maneiras de se habitar territórios coletivos e complexos. Através de uma experiência de imersão apoiada pela metodologia etnotopográfica, as autoras vivenciaram duas casas comunitárias e perceberam como o lugar físico atrelado as relações pessoais e subjetivas desse novo modo de habitar tornam as fronteiras mais flexíveis e diluídas.

Na sequência, o artigo do pós-doutorando em Preservação e Transformação Social do PROPAR/URGS, Marcelo Kiefer, com o título “*As bordas da preservação arquitetônica: A população em situação de rua*” brinda essa edição da revista com um tema atual e emergente nas sociedades contemporâneas. Marcelo olha para as bordas da preservação arquitetônica e desconstrói o seu sentido ligado a lógica patriarcal, mercantil e descontínua do tempo, para apresentar e incluir os moradores em situação de rua. Uma forma de olhar para essa fronteira, por vezes invisível, entre as relações que esses moradores conduzem e também nos ensinam dentro da heterogeneidade urbana. Ao adentrar nessa fresta o artigo reflete a importância de incluir as relações sociais e individuais dentro das análises da arquitetura e preservação.

“*Ocupações irregulares nas reservas de bordas: O caso da Reserva Florestal Padre Balduino Rambo na cidade de Sapucaia do Sul – RS*” é o título do próximo artigo, escrito pelas arquitetas e urbanistas Samantha Balleste, Lígia Maria Chiarelli e Natalia Naoumova, todas ligadas ao programa de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo PROGRAU/UFPel. Em uma análise bastante minuciosa as autoras acompanham no decorrer dos anos os avanços das moradias irregulares sob as áreas de proteção ambiental da Reserva Florestal na cidade de Sapucaia do Sul. Interessadas em compreender mais de perto essa realidade de habitar as bordas, aprofundam a pesquisa na aproximação em conversa com os moradores, percebendo os desafios, as dificuldades econômicas e sociais dessa territorialidade. Dada a complexidade das ocupações as autoras acreditam que o incentivo e promoção da educação ambiental

<sup>1</sup> Mestranda em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU). Arquiteta e Urbanista graduada pela Universidade Federal de Pelotas (2016). E-mail: lorenamilitao@gmail.com

seria uma medida a curto prazo para auxiliar e amenizar os impactos ambientais provocados.

Em um universo ficcional o próximo artigo do arquiteto urbanista e doutorando Leonardo Izoton Braga, “*4’33’’: Do silêncio à experiência do virtual ou a escuta ativa na música e na arquitetura*”, chama atenção pelos agenciamentos que provoca entre a peça musical escrita por John Cage e as reflexões da arquitetura enquanto uma análise perceptiva e virtual baseada nos estudos de Gilles Deleuze. Em um cativante diálogo entre o músico que desperta o silêncio e o arquiteto que projeta a composição e porosidade dos vazios, a possibilidade de articular os vazios antes da petrificação da arquitetura uma invenção de novas forma de apropriação ativando a virtualidade.

No artigo “*Reinterpretação dos limites do espaço habitacional: A identidade arquetípica das fachadas da Cohab Tablada*” as autoras Liziane de Oliveira Jorge (arquiteta e urbanista, professora da Faurb/UFPel), Aline de Moura Ribeiro Xavier (graduanda da Faurb/UFPel) e Nirce Saffer Medvedovski (arquiteta e urbanista, professora da Faurb/UFPel), desenvolvem um importante trabalho investigativo sobre as transformações morfológicas, incitadas pelos próprios moradores, nas habitações residenciais unifamiliares da Cohab Tablada em Pelotas. Embora a proposta desses projetos habitacionais estivesse vinculada a uma lógica homogeneizante, promovendo habitações em massa de mesmo perfil tipológico, observa-se que o sentido de pertencimento dos moradores evidencia suas particularidades e individualidades na interferência das fachadas, sejam na mudança de cores, texturas, anexação de novos elementos. Ao mergulhar nessa fresta, as autoras percebem o sentido de acolhimento e hospitalidade na aceitação dessas transformações e imprevisibilidade das formas.

O sétimo artigo dessa edição de autoria de Isabela Soares Lage e Vinícius Martins Ávila, ambos da Faculdade de Arquitetura da Unileste/MG, fazem uma análise da arquitetura de instituições de acolhimento ao idoso com o título “*A arquitetura sensorial como auxílio para os idosos*”. Tema cada vez mais recorrente e em debate em vários campos de pesquisa, inclusive na Arquitetura e Urbanismo, que tem um novo desafio contemporâneo de pensar as cidades e arquiteturas que favoreçam esse público cada vez mais ascendente. Discute-se tanto a fronteira enfrentada por essa faixa etária na inserção dentro da cidade, como a fronteira que se encontra a arquitetura na resolução de ambientes e tipologias que favoreçam a autonomia e melhor apropriação do idoso.

“*Cartografia do PiXo em Frederico Westphalen – RS*” é o nome do próximo artigo em que os autores, Lia Machado dos Santos e Rosângelo Fachel de Medeiros, da área de Letras e Comunicação social postulam sobre a presença do PiXo nesta cidade do Rio Grande do Sul. Através de um mapeamento cartográfico e investigativo das narrativas, os autores entendem que essa fronteira da pichação possui um limite difuso que versa tanto em uma percepção preconceituosa e incômoda, até na recepção do afeto e empatia que instiga os questionamentos mais profundos. Entendem que o PiXo é uma prática que “borra” os limites engessados, postulados por regras e normas, o PiXo seria a fuga, o que transborda e faz vazar, quem sabe, outros meios de reconfiguração dos territórios.

Jordhana Raposo Andrade, Isabela Castelo Pontes e Giovanna de Giacommo Andrade, graduandas em arquitetura e urbanismo da UFMG, reapresentam o artigo “*Ponte Belvedere: Um estudo da busca do indivíduo urbano por novas sensações dentro da relação entre cidade e natureza*” que foi publicado pela primeira vez na Revista Científica Foz, e agora, nesta edição trazem algumas modificações. As autoras trabalharam dentro da fronteira entre a cidade e as áreas verdes adjacentes, e perceberam que a procura pela natureza e também por esportes radicais, como na ponte Belvedere, funcionam como válvulas de escape da velocidade e agito dos grandes centros

metropolitanos, no caso Belo Horizonte. De acordo com metodologias exploratórias e de observação atestaram as potencialidades que os espaços verdes influenciam no cotidiano das cidades.

O museólogo Arthur Gomes Barbosa, presenteia esta edição com o artigo “*Entre sentidos, monumentos como estruturas limítrofes: Um olhar sobre o sangramento do Monumento às Bandeiras de Victor Brecheret*”. Arthur impulsiona uma discussão muito pertinente no campo do patrimônio cultural, revisando as fronteiras entre as memórias afetivas e de pertencimento da representação dos monumentos na cidade. Como estudo de caso retoma um episódio em 2013 em que o monumento às Bandeiras de Vitor Brecheret passou por uma intervenção, no qual um grupo indígena lançou tinta vermelha sobre a obra, fato que ressignificou e atualizou a recepção do monumento por outras camadas sociais. O autor entendeu que mesmo sendo um ato ilegal que fere as diretrizes do patrimônio, ao mesmo tempo proporcionou a reflexão do que aquele monumento significa para esses povos, deixando ali sua marca. Dessa forma, reafirma o desafio de pensar e acessar essa fronteira de diferentes camadas da estrutura social e histórica, promovendo monumentos que incluam as várias faces.

Próximo a temática do artigo da cartografia do pixo, a psicóloga Juliana Mendonça Lopes, a designer Marina Ferreira Belo Lopes e o arquiteto e urbanista Rafael Santos Câmara apresentam o artigo “*Mulheres, arte e espaço público: Uma reflexão sobre o ativismo artístico feminino*”. Entendem que a arte no espaço público, na maioria das vezes, tem o papel de denunciar os problemas experienciados nas cidades. Os autores chamam atenção para as artistas mulheres que fazem das ruas da cidade o palco de discussões sobre os desafios contemporâneos enfrentados pelas mulheres nessa sociedade ainda ditada pelos e para os homens. As artistas, através do grafite, refletem sobre questões de feminicídio, desvalorização trabalhista, o corpo da mulher como objeto, com o intuito de fazer presente as inúmeras formas de violência que ainda são silenciadas e suprimidas ao debate.

Por fim, o último artigo dessa 7ª. edição da revista Pixo versa sobre os territórios alagáveis que atingem famílias em vulnerabilidade socioespacial com o título: “*Territórios alagáveis e fronteira efêmera: Uma leitura a partir do Ritornelo*”. O arquiteto e urbanista Flávio Almansa Baumbach, relata que as áreas alagáveis estão sempre interligadas aos territórios das bordas e fronteiras. Habitar as bordas, muitas vezes, está propenso a passar por situações críticas provocadas, principalmente, por fenômenos naturais, no caso a cheia dos rios. E, esse movimento de enchentes e alagamentos causa nessas famílias um processo de “re-des-territorialização negativa”, ou seja, sempre estão buscando formas de readaptação as novas crises.

Para a sessão de **Autor(a) Convidado(a)** trazemos um ensaio que faz parte da dissertação de mestrado da arquiteta e urbanista Lorena Maia, que em fase final da escrita relata sobre as travessias e atravessamentos na fronteira Brasil-Uruguay. Durante essa imersão pelas cidades-gêmeas, a autora percebe a importância de adentrar ao conceito e entendimento sobre o termo fronteira. A partir da filosofia da Diferença, apoiada pelos filósofos Gilles Deleuze, Félix Guattari e Jacques Derrida, traça um interessante panorama das potencialidades do termo na filosofia. A fronteira que se aproxima da diferença e fala sobre formas de acolhimento, da porosidade das trocas e da alteridade fluida, desde a aceitação do estrangeiro e estranho até a abertura para o reconhecimento de si.

Logo na sequência, para a seção **Parede Branca**, a revista acolheu dois trabalhos, o da arquiteta e urbanista mestranda em artes visuais, Fernanda Fedrizzi Loureiro de Lima, e, do arquiteto e urbanista mestrando na mesma área de formação, Flávio Almansa Baumbach. Ambos apresentaram situações de fronteira em experiências na

cidade. Fernanda em “*Inventários do entre: algum lugar e lugar algum*” é capturada por um terreno de miolo de quadra que atualmente funciona como estacionamento, mas que antigamente abrigava um fábrica de têxteis. Ali, marcas, resquícios de uma outra história registrada por uma antiga caixa de correios, em que a transportou para outras reflexões acerca da comunicação e linguagem que interagimos com esses lugares. Por sua vez, Flávio em “*Diferenças na fronteira: Um olhar sobre a latente desigualdade das nossas cidades*” que através de fotomontagens expressa sua percepção crítica sobre as travessias que percorreu nas cidades-gêmeas da fronteira Brasil-Uruguay, refletindo sobre as desigualdades sociais tão nítidas nessas cidades.

Como fechamento dessa edição a seção de **Entrevistas** apresenta “*Um percurso histórico sobre a fronteira sul do Brasil*” com a arquiteta e urbanista, professora e pesquisadora aposentada Ester Judite Bendjouya Gutierrez, entrevistadas pelas alunas do curso de arquitetura e urbanismo da UFPel, Caroline Dias Eifler e Georgea Franck Hosni. Em um teor histórico entrelaçado as curiosidades, Ester relata sobre a ocupação na fronteira sul do Brasil. Um percurso desde os nativos, jesuítas, colonizadores até os engenheiros militares na delimitação dos marcos fronteiriços. Os aspectos da economia das charqueadas, da importância do rio da Prata e do bioma pampa foram outros assuntos também explorados na entrevista que possibilitou um novo olhar sobre a história das delimitações territoriais da região sul.

No atual cenário mundial de conflitos políticos, econômicos, culturais, marcado pela intolerância e austeridade, observa-se um crescente impulso migratório e, conseqüentemente, uma rigidez ainda maior do controle das fronteiras. A fronteira, entendida como um lugar de indefinição espacial que convive constantemente com dualismos, seja da hospitalidade e da hostilidade, da liberdade e do domínio, do nativo e do estrangeiro. A fronteira que não é susceptível a interpretação e muito menos a representação, assim, nada mais é do que a diferença em si mesma, a fresta, o constante rompimento e construção. Lugar de ninguém e de todos ao mesmo tempo. Convidamos aos leitores a imergirem nessa complexidade e heterogeneidade da 7ª. edição da Revista Pixo, refletindo as potencialidades das diversas bordas e fronteiras.